

POVO XOKLENG: TERRITORIALIDADE, EDUCAÇÃO E ESCOLA

WOIE KRIRI SOBRINO PATTÉ¹

UFRGS, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0003-2939-4077>

RESUMO: *Este texto resulta de uma aula na disciplina Povos indígenas, Educação e Escola, da Faculdade de Educação/UFRGS, por mim ministrada no dia 07 de fevereiro de 2022. A fala que proferi nesta aula foi gravada e, posteriormente, transcrita, resultando em uma primeira versão, relida e complementada, a fim de contar a história do povo Xokleng, ao qual pertença. O texto, que tem marcas fortes da oralidade – metodologia indígena principal para produzir e transmitir conhecimentos – se baseia na minha história de vida, nos caminhos trilhados e marcados pelas muitas coisas que aprendi escutando as pessoas mais velhas, lutando pelos direitos do meu povo e trabalhando em prol da retomada dos territórios e da educação tradicional.*

PALAVRAS-CHAVE: *Educação Xokleng, territórios tradicionais, retomadas.*

ABSTRACT: *This paper is the result of a class I taught as part of the course Indigenous Peoples, Education and School, at the College of Education, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brazil), on February 7, 2022. The talk I gave in this class was recorded and transcribed, resulting in a first version, which was later revised and supplemented. My objective was to tell the story of the Xokleng people, to which I belong. The text shows strong elements of orality, because this is the main indigenous methodology for producing and transmitting knowledge. It is based on my life story and the many things I have learned listening to the elders, fighting for the rights of my people and working towards reclaiming our traditional territories and education.*

KEYWORDS: *Xokleng education, traditional territories, land and education claims.*

RESUMO NA LÍNGUA XOKLENG: *Zúmú tó ágónhká tē óg, vávãl blé jópálág jó, jópálág jó ún bág tó/UFRGS, 2022 kí fevereiro kí lá tó 07, kí énh txó óg mō vábén jó vá. Énh vē ke tē mē nú kúgmē kú, kól kú mē vátxiká, láglán kú, vín vén mú, vátxiká mē ve kú, énh jáklē tē énh kánhká tó Laklãnô/Xokleng óg jógzē te mē kábén Jé. Énh vánhlál tóg tē kí nú ág á jógzē blé ú líkē kú ág vánhvē tē mú tē kábén tē - ú líkē kú énh txónh mū tē, ún mē énh kánátē mū tē, énh txó ú txi óg tó énh jávål mē zámá kú mē tēn kú óg vánhgénh jó tē mē óg líkén mē vánhgénh kú mē kánátēnh tē.*

¹ Liderança e professor do povo Xokleng. Graduado na Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, ênfase em gestão ambiental, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), cacique na Retomada do Território Ancestral Xokleng em São Francisco de Paula, RS. Mestrando em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: euwoia@gmail.com

Me chamo Woie Kriri Sobrino Patté. Pertencço ao povo Xokleng e atualmente realizo mestrado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O objetivo deste texto é apresentar meu povo, um pouco da nossa história, da nossa luta na retomada dos territórios tradicionais e da nossa educação, que chamamos jópalag jó. São relatos que brotam da minha memória, do que me foi transmitido pelas pessoas mais velhas, das aprendizagens da minha vida e da convivência com meu povo. São conhecimentos que foram transmitidos pelos mais velhos, por meio da oralidade, por meio de histórias contadas e cantadas, por meio das rodas de conversa. Para falar isso que aqui conto para vocês, não busquei o conhecimento nos livros, mas sim na minha memória, na oralidade. Aprendi escutando, ficando junto com os mais velhos, os acompanhando em muitos momentos, prestando atenção, observando.

O povo Xokleng é originário deste continente e tinha como seu território original essa parte do Brasil que também era compartilhado com outros povos indígenas no passado. Habitava a região de Mato Grosso, noroeste de São Paulo e Sul do Brasil. O início de sua grande história se deu no que hoje denominamos Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Nós, povos indígenas, não reconhecemos a existência de fronteiras estaduais, conforme a divisão geográfica e política feita pelo Estado brasileiro. Nós reconhecemos por território, com as divisões tradicionais, porque os estados dão limites que não são os nossos. Por exemplo, o povo Guarani habita quase toda a América Latina e se reconhece como uma nação, mesmo vivendo em diferentes países.

Em tempos passados o povo Xokleng habitava essa região que hoje é Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Vivia com fartura de alimentos, principalmente caça, colheita de mel e pinhão, um dos seus principais alimentos. O povo Xokleng é um povo muito antigo. Essa antiguidade é reconhecida também por pesquisas realizadas por cientistas brancos que atuam nas universidades, visto que em muitos estudos arqueológicos foram encontrados materiais antigos que comprovam a existência do povo Xokleng nesta região há quase 5 mil anos atrás. Então, é um povo que vive aqui há muito tempo. Eu sou descendente desse povo e sou originário desse território.

O povo Xokleng foi o último povo indígena do sul do país a fazer contato com um povo não indígena, pois há 120 anos atrás o povo Kaingang já tinha contato com os brancos. São dois povos que estão em momentos diferentes na relação com os brancos e, por isso, a visibilidade do povo Xokleng e de sua história teve poucas pesquisas. Devido ao extremo de violência sofrida por nosso povo desde os primeiros contatos com os brancos, há muita resistência e uma profunda desconfiança, decorrente dos massacres que quase levaram ao extermínio do povo Lakãñ/Xokleng. Por isso existem poucas pesquisas sobre o povo Xokleng. É muito recente para o povo a colonização: em 22 de setembro de 2022 completou 108 anos de resistência. Esse tempo que ficou para trás nos faz lembrar que o branco, com sua ignorância, quase acabou com o meu povo. Os mais velhos ainda chamam uma Terra Indígena de *posto* – esse nome é porque os encarregados do Serviço de Proteção aos

Índios (SPI) colocavam algum aparato em lugares estratégicos e faziam de Posto Indígena, tentando assim atrair pessoas de nosso povo para fazer o contato. Você vai ver no livro do professor Silvio Coelho dos Santos² histórias de pessoas que foram levadas para França, Alemanha e nunca mais voltaram.

A luta dos povos indígenas sempre foi árdua. Depois de 1.500, com a invasão europeia, os povos indígenas do Brasil inteiro sofreram bastante com a colonização e com o massacre que levou quase ao extermínio dos mais de mil povos que aqui existiam. Com o povo Xokleng não foi diferente, mesmo sendo em épocas mais recentes, a invasão de suas terras resultou em um massacre que durou muito tempo, que exterminou comunidades inteiras e decorreu na perda de todos os espaços que tínhamos. Hoje, grande parte do povo que sobreviveu se encontra em Santa Catarina e uma parte ficou em outra terra indígena Xokleng, situada no Paraná. Atualmente, estamos retornando nossos territórios ancestrais, também no Rio Grande do Sul.

Estamos na retomada de um território Xokleng em São Francisco de Paula, de onde fomos expulsos do nosso próprio território. Há mais de 100 anos, com o avanço da colonização, as terras indígenas do Rio Grande do Sul foram ficando pequenas e apertadas. O pouco espaço propiciou a intensificação dos confrontos com os colonos e, diante disso, para poder sobreviver, os Xokleng escolheram sair, pois acreditavam que era o único jeito de sobreviver, de manter sua existência como povo. Depois de muito tempo, os velhos txukabag, zãg bag, veitxá teié, com apoio do Conselho de Missão entre Povos Indígenas – COMIN, vieram para a serra gaúcha fazer uma visita nas terras onde seus pais foram expulsos. Então, muito tempo se passou. Eu sabia dessa história e um dia, já estando em Porto Alegre, no ano de 2020, o parente pataxó Merong kamaka, que também estava em Porto Alegre, me convidou para uma roda de conversa e fez a pergunta para mim e para Angélica Domingos, minha companheira: vocês sabem da Terra Xokleng na FLONA (Floresta Nacional), em São Francisco de Paula? Eu já sabia, então comentei sim, eu sei, mas não tem companheiros e parentes para retomar. Então ele falou: vamos convidar alguns parentes e vamos marcar outro encontro, convidando mais pessoas para ir junto. Marcamos para o dia 5 de dezembro do mesmo ano. Porém, chegou o dia e ninguém apareceu para ir junto. Meio triste, já desistindo do sonho da retomada, falei que teríamos que marcar outra data e convidar outras pessoas. Tive a ideia de trazer parentes Xokleng de Santa Catarina, mas não tínhamos apoio financeiro, então foi uma corrida para conseguir passagens. Convidei a Kulung para se juntar à retomada em São Chico. Depois de muita articulação, foi marcado o dia 12 de dezembro de 2020. Chegou o dia e a hora e partimos de Porto Alegre às 14 horas. Chegamos na FLONA pouco depois das 17 horas, entramos, retomamos o território ancestral

² Relato das atrocidades cometidas contra o povo Xokleng está também no livro *Os Índios Xokleng - Memória Visual*, publicado pela EdUFSC/Univali em 1997, de autoria do antropólogo Silvio Coelho dos Santos. O livro procura registrar, por meio de documentação fotográfica, a dramática experiência vivida pelos Xokleng e está disponível para leitura em: <https://issuu.com/renatorizzaro/docs/xokleng>

com Angélica Domingos, Woie Kriri Sobrinho Patté, Nayane Fidelis Domingos, Erik Katay Gomes Patté, Pazi Jare Domingos Patté, Wallase Merong Pataxó, Kulung Teie, Vaipon Kamlen, Txucaban Copaca: 5 adultos e 4 crianças. Esses são os guerreiros que retomaram o território Xokleng de São Francisco de Paula. Na primeira noite enfrentamos policiais, brigada militar e até o prefeito de São Chico, além da coordenadora local da FLONA. Enfrentamos chuva e frio, mas resistimos e até hoje a retomada existe graças a esse grupo de guerreiros.

Assim retomamos pequenos territórios que eram nossos. Somos os resistentes, os que resistiram à violência colonial. No passado nos retiramos para não sermos todos exterminados. Nosso povo sofreu muito com o ataque dos bugreiros na Região Sul, quando a vida do homem Xokleng – quando se fala em homem, não é só homem, é a vida do povo Xokleng, de mulheres e crianças – valia um par de orelhas e se igualava a um salário; quanto mais pares de orelha um bugreiro apresentava ao seu patrão, mais pagamento ele recebia. Eu nunca contei para vocês, mas bugre era o nome que o branco dava aos indígenas que não conhecia e bugreiro era quem “caçava” as pessoas destes povos. Martim Bugreiro foi um dos principais massacradores do povo Xokleng. Os velhos do nosso povo contam que ele foi criado pelos Xokleng: durante uma emboscada dos brancos, Martim, ainda criança, foi colocado em um pasto aberto, como uma forma de chamar os Xokleng para este lugar. O menino começou a chorar e o grupo, achando que ele estava perdido, o acolheu. Mas, era uma emboscada, uma tentativa de pegar os Xokleng. O menino branco cresceu junto com o povo Xokleng, não se sabia a sua idade, mas quando o encontraram era tempo de primavera, e talvez tivesse em torno de 5 ou 6 anos. Levaram ele para o mato e os brancos foram atrás, mas não o encontraram e ele permaneceu com os Xokleng. Aos 13 anos ele já sabia sua origem, pois nas rodas de conversa, quando falavam dos brancos, ele ouvia e sabia que era filho dos brancos colonizadores. Então fugiu, voltando para o seu povo. Ele conhecia toda a estratégia Xokleng e passou para o lado dos bugreiros, aliás, passou a ser um deles. A história do Martim Bugreiro, além da memória das pessoas mais velhas que ainda lembram dos massacres, é relatada no livro *Os Índios Xokleng - Memória Visual*, publicado em 1997 pelo antropólogo Silvio Coelho dos Santos. Hoje é difícil falar disso, da sua violência, de como ele matava as mulheres grávidas: dizem os mais velhos que ele abria a barriga e jogava a criança para cima e aparava na ponta do facão. Dessa forma, o povo Xokleng foi quase exterminado.

O casamento com os não indígenas foi o primeiro casamento que teve com a colonização, um casamento forçado entre um Xokleng que não falava português com uma italiana que não falava português. Isso foi arranjado pelo chefe do Posto Indígena (PI/SPI) como uma estratégia para embranquecer o povo Xokleng, para que perdesse a sua história e o seu modo de viver, ou seja, mais uma forma para colonizar o pensamento Xokleng. Muitos Xokleng não aceitaram as imposições colonizadoras e voltaram para mata. Muitas dessas famílias estão perto de Porto União e União da Vitória, no estado de Santa Catarina. Dessa forma, tentaram embranquecer a história do povo Xokleng e esconder a origem do povo.

Nos Campos de Cima da Serra tem Xokleng. Eu trouxe isso para falar que as terras da serra gaúcha são territórios Xokleng, do povo que nunca saiu da região do Rio Grande do Sul. Muitas pessoas foram para Santa Catarina para fugir, mas outros ficaram nas emboscadas, sofreram e os poucos Xokleng que permaneceram, foram agrupados com os Kaingang em aldeias, pelo SPI. Então, os Xokleng sempre viveram no Rio Grande do Sul e muitas famílias Xokleng que se esqueceram disso. Hoje, se você procurar você vai saber histórias do povo Xokleng, de famílias que vivem no meio dos Kaingang, mas que se reconhecem como Xokleng. Por exemplo, vou trazer agora para você conhecer uma pessoa muito importante, Luiz Salvador, que é liderança da região do Rio Grande do Sul, da Terra Indígena Kanghág Ag Goj, também conhecido como Saci. Ele é descendente Xokleng e confirma isso. Igual a ele, muitos outros.

Durante uma época não era possível se identificar como Xokleng em meio aos Kaingang, pois gerava uma briga muito grande. Era lembrado de uma história que dizia que os Xokleng roubavam as mulheres kaingang, além de outras histórias que referem outros momentos de conflito entre os dois povos. Mas temos muitas histórias de famílias Xokleng que vivem até hoje junto com os Kaingang, como eu e minha família, que nos anos 1990 fomos morar em Nonoai, uma Terra Indígena Kaingang situada no norte do Rio Grande do Sul. Porém, estamos na luta pelo nosso território, e como disse acima, hoje temos a primeira retomada Xokleng, na Floresta Nacional de São Francisco de Paula, RS, para reconhecer uma Terra Xokleng, um território próprio neste estado. Sou protagonista desta retomada e nunca perdemos o costume de educar nossas crianças, através da fala, através da caminhada na caça, na escuta dos mais velhos que dizem para nós o que está certo, o que está errado, o que pode e o que não pode fazer. Dizemos que é uma retomada pois todo território era nosso, dos povos originários, territórios que nos foram tomados pelos brancos e que hoje lutamos para reaver alguns espaços para o bem viver do povo Xokleng.

A retomada é uma forma de resistência diante da violência dos direitos indígenas. Uma das ferramentas para a retomada é a educação tradicional, que é guardada e transmitida de geração para geração. Essa retomada se faz por vários motivos, sendo um deles a luta para recuperar as terras, junto dela a retomada da educação e da saúde, a preservação da mata, que consideramos uma parte importante para sobreviver, porque somos parte da mata, complementamos um ao outro.

A educação é um leque de conhecimento do povo Xokleng que aqui trago um pouquinho, contando como é a nossa educação própria. O povo Xokleng sempre transmitiu o conhecimento tradicional de vários anos por meio da oralidade, mas quando se fala somente em oralidade é como se tirasse os aspectos educativos do artesanato, por exemplo. Arco, flecha e cestos também são educação e revelam conhecimentos milenares. Neles tem matemática, história, física, pois nossos sábios indígenas são grandes pedagogos, antropólogos e físicos também, que contavam e cantavam nossas histórias e transmitiam os conhecimentos próprios. Durante a caminhada do povo Xokleng, o Jávã (educar, ensinar, aconselhar) sempre esteve junto de tudo, sempre existiu, mas no jeito e

na visão de educar Xokleng. Hoje, você fala em educação e já pensa na escola e parece que a educação é relacionada somente com a instituição escolar.

Hoje eu falo sobre a escola do pensar do branco, pois foi introduzida pela colonização. As lideranças Xokleng viram a necessidade de ir para a escola do branco para aprender a sua língua e usar como defesa, para usar como ferramenta de defesa ante o não indígena, assim como eu, que vou para a universidade para adquirir ferramentas para a luta pelos direitos de nossos povos. Se falarmos só de uma educação indígena própria, de qualidade e diferenciada como queremos para nossas escolas, em geral as secretarias da educação não aceitam e trazem uma proposta de ensino fechado na grade curricular, cujo nome já diz, uma grade fechada, sem possibilidade de diálogo e negociação.

O que há de diferente hoje nas escolas indígenas é o nome que as identificam, que muitas vezes é de uma liderança indígena, assim como há um professor indígena que trabalha nela, mas o método que predomina ainda é o da colonização. O meu pensamento e o de vários pensadores indígenas é a busca de uma educação escolar de qualidade, que respeite e dialogue com a educação de cada povo. Isso foi dito também por Ailton Karnak, que afirmou a necessidade de buscar qualidade para as nossas escolas, com práticas que respeitem e dialoguem com a educação tradicional. Eu tive o prazer de estar com essa grande liderança indígena, Ailton Krenak, que visitou a Terra Indígena Nonoai em 1992 e, naquele momento, ele convidou professores indígenas para falarem sobre a educação tradicional, mostrando a importância que tem na luta e na resistência os modos próprios de educar.

Em 1998, em Brasília, já se falava sobre o RCNEI (Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas), sobre as escolas indígenas e as disciplinas adequadas para as salas de aula e de como podemos utilizar o referencial da educação própria de cada povo originário. Este documento é conhecido por muitas escolas indígenas, mas as secretarias de educação dos estados e municípios geralmente escondem, a fim de não seguir o que está registrado nele. Quando fazemos uma aula diferenciada, por exemplo, na disciplina de matemática, utilizando referências indígenas como as flechas e ou a envergadura dos arcos, além de ser matemática, também é história, pois tudo se relaciona, tudo está interligado. Isso também tem referência nas publicações de pesquisas que fazemos num programa de formação continuada de professores indígenas, a Ação Saberes Indígenas na Escola, que tem como parceiras algumas universidades públicas, como a UFRGS e a UFSC. Nesta ação, os sábios dos povos indígenas são os educadores e as pesquisas feitas pelos professores não são em bibliotecas dos brancos, mas na sabedoria dos povos indígenas, na mata, nos rios.

O conhecimento do povo indígena é amplo, não é fechado em uma sala de aula ou um livro; todo nosso conhecimento é interligado. Quando falamos da geografia, localizando onde se encontram pinheiros e araucárias, trabalhamos com o conhecimento tradicional e milenar próprio. Os velhos, kuzó, ensinam contando histórias, caminhando e

apreciando as paisagens. A nossa educação, a educação própria se dá dessa forma: aprendemos com os velhos, ouvimos, caminhamos junto com eles. Quando perdemos nossos velhos, perdemos um companheiro, uma biblioteca, uma enciclopédia. Por isso, quando morre um ancião em uma terra indígena é uma tristeza enorme. O branco tem o *google*, faz uma pequena pesquisa e acha. Mas nossas histórias morrem junto com nossos velhos. O pouco que nos é transmitido vamos levando, contando e escrevendo; os velhos não escrevem na língua portuguesa, mas escrevem na língua Xokleng, nas cantigas, nas pinturas e artesanatos, em todos os grafismos.

Quando se fala que o Xokleng não tinha escrita, eu digo que tinham a oralidade e o pensamento de escrever para quem pudesse acompanhar. Era uma forma diferente da escrita alfabética do branco, que hoje está sendo apropriada por nós. Hoje, nas escolas, há uma restrição de educar nossas crianças. A escola Xokleng está como uma peça chave e fundamental, pois se inverteu e não estamos mais aprendendo com nossos velhos, porque eles já estão se indo. Então, o pouco que se sabe está sendo levado pelos professores indígenas para a sala de aula, para preservar os conhecimentos também desta forma.

Como professor, liderança e orientador, trabalhei com um grupo indígena para que falassem, cantassem e traduzissem a fala dos mais velhos. O pouco que plantei já tem frutos: hoje são 60 jovens cantando, dançando e fazendo suas apresentações em Xokleng e depois traduzem para o português. Mostramos assim nossa cultura. Se inicia falando em Xokleng para os mais velhos, mesmo que não sejam vistos, e depois falamos para os brancos. Aprendi isso com meu pai, meu velho, pois primeiro são os de casa e depois quem está nos visitando.

Estando na universidade e fazendo mestrado, eu tenho que parar um pouco e pensar no que vou falar para não errar em português, porque ainda é uma língua bem ruim para mim. E assim também é na escrita, estou pensando e escrevendo em Xokleng. Dessa forma, parece simples falar sobre a educação indígena, mas todo o processo de retomada é para nós uma escola também, pois nesta luta estamos executando o que aprendemos.

Nossas escolas existem dessa forma. Nossas escolas, que estão na grade do Estado, fecham nosso conhecimento, nos encarceram numa grade. Por exemplo, se ficarmos um ou dois dias fora da sala de aula, nos falam que estamos perdendo tempo, pois para a concepção do Estado devemos sentar e colocar em livro, assim como é a educação para os brancos. A educação indígena se dá em todo o território, então aprendemos todos os dias, em todos os lugares. Não precisamos ficar quatro horas por dia fechados numa sala de aula, todos os dias da semana. Um exemplo é o que aconteceu na escola em que nós estávamos trabalhando com nossas crianças e a coordenadora do Estado estava fazendo avaliação da escola. Nós estávamos no pátio, rindo e conversando. Logo após, chegou um relatório para escola dizendo que naquele dia, em que a coordenadora visitou a escola, não teve aula. Relato isso para mostrar que o conhecimento do branco é só sala de aula, mas

o nosso conhecimento é amplo, um guarda-chuva de conhecimentos, que não se restringe a um tempo e a um lugar fechado.

O povo Xokleng trouxe para a escola a língua portuguesa, como uma ferramenta para dialogar, mas também para aprender a estratégia do branco contra o índio. Na língua Xokleng as lideranças falavam: “Vamos estar junto a eles para saber seu pensamento”, pois, assim, quando acharem que apenas falamos Xokleng, estaremos ali ouvindo o que estão planejando contra nós. As estratégias funcionaram muito bem e trago como exemplo o que aconteceu uns tempos atrás em uma terra indígena que possui uma barragem de contenção: os brancos queriam que as lideranças assinassem certos papéis. Eles, os brancos, falaram que trariam como proposta algumas coisas para serem cultivadas e, enquanto isso, eles fariam uma atividade mais abaixo, que daria emprego para o povo, mas sem dizer o que era. Naquela época e naquele lugar ninguém sabia ler ou escrever a língua dos brancos, pois, se soubessem, o contrato poderia não ter sido assinado. Enganaram o povo indígena para construir a maior barragem que abrange todo o Alto Vale do rio Itajaí e agora, quando chove, inunda todo o território Xokleng. Embaixo dessa terra coberta pela barragem tem história Xokleng. É onde nós plantávamos, brincávamos quando criança, onde nossos velhos contavam história. Nosso cemitério Xokleng hoje está embaixo da água, nossos entes queridos estão embaixo da barragem. Os brancos nos enganaram mais uma vez e isso nos ensinou a buscar armas para uma luta de igual para igual. Por isso, queremos aprender a ler e escrever, como uma ferramenta para preservar a nossa vida, os nossos direitos e nossa territorialidade. Aprender a ler e a escrever a língua portuguesa como ferramenta de luta.

Por isso, a necessidade da retomada das terras originárias no sul da Região Sul. Nós sempre soubemos que o território é Xokleng e me refiro em especial à retomada de São Francisco de Paula. Quando ocorreu a primeira enchente no antigo território, depois da construção da barragem que contei acima, nossos mais velhos falaram: “vamos voltar para nossas terras onde é alto e lá o rio não chega”. Então veio esta pandemia chamada Covid-19 e mais alguns velhos vieram para este lugar e fizeram o reconhecimento da terra para poderem retornar para este território com as suas famílias, saindo daquele lugar que já estava alagado, cheio de água. Várias vezes nós voltamos para nosso território, mas não fomos aceitos; depois da colonização muitos brancos moravam lá e não deixaram mais a gente chegar. Então, uma delegação dos Xokleng veio pra cá, na Floresta Nacional São Francisco de Paula, junto com os mais velhos, que fizeram o reconhecimento desse território ancestral. Então chegaram aqui e falaram: “aqui é nosso território”.

No passado nós tínhamos muitos conflitos com os Kaingang. Então, essa terra de São Francisco de Paula era mais amigável para o nosso povo. Naquela época, os Kaingang ficavam na Terra Indígena que hoje está sendo retomada, na FLONA de Canela, Retomada Konhún Mág. São dois territórios separados por um rio. Ambos são territórios amigáveis: de um lado do rio ficavam os Xokleng e de outro os Kaingang. Então, podia ter casamento entre os dois povos, que faziam alianças e assim ficou mais

fácil de conviver, pois, com um território definido para cada um, não havia muito atrito.

A serra gaúcha foi bem dominada por Kaingang e Xokleng. Já a região do litoral ficou com os Guarani; outra parte dos Kaingang ficava mais para o interior do estado. Tiveram muitos conflitos violentos, muitos confrontos com os colonizadores, mas essa parte Kaingang de Canela, Gramado, Taquara e Riozinho era um pedaço amigável que podia caminhar com outros povos. Então, os velhos que vieram para cá fizeram esse mapeamento e ficaram aqui.

Nunca teve uma terra Xokleng demarcada no estado do Rio Grande do Sul, mas tem vários territórios ancestrais reconhecidos, como em Passo Fundo, Farroupilha, Lagoa Vermelha e, inclusive, outros situados mais para o interior. Estes não foram recuperados ainda, mas terão de ser retomados no futuro. Tudo o que se faz pela primeira vez o outro vem atrás. Então, depois de 100 anos de massacre, de extorsão do território Xokleng, nós voltamos e esse processo de retomada. É a nossa educação: para educar os nossos, temos que retomar nosso território que é uma herança deixada pelos nossos ancestrais. Herança não se dá, não se vende e não se troca, ela tem que ser devolvida aos seus herdeiros, as nações originárias destes territórios. Esta é a educação indígena, com o apoio de muitos aliados, como, por exemplo, algumas universidades.

Temos programas que afirmam a educação própria dos povos, como a Ação Saberes Indígenas na Escola, que, como professor e liderança, ajudei a idealizar há alguns anos atrás. A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) tem um Núcleo de trabalho. Por isso, nos aproximamos das universidades, que também são um território que estamos ocupando, fazendo a retomada dentro das universidades, fazendo artigos e ocupando espaços em revistas acadêmicas e científicas, para que pessoas não indígenas possam entender o porquê da nossa luta, qual a nossa história, a nossa ciência e a nossa filosofia, pois também temos nosso conhecimento, principalmente nossa ciência, que é o conhecimento tradicional.

Outro exemplo que mostra a retomada nas universidades é a Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, desenvolvida na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que forma professores dos povos Kaingang, Guarani e Xokleng. Neste curso já foram produzidos 45 Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), a maioria deles tratando de pesquisa sobre aspectos culturais importantes destes povos. Sou um dos autores de TCC que está por lá, registrado junto aos trabalhos acadêmicos e científicos de estudantes pertencentes a outros povos. Nós, professores indígenas, nos formamos na Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica e foi a primeira turma Xokleng a se formar junto com os parentes Kaingang e Guarani, também em número de 45 de cada povo. Então, não existe muita pesquisa do povo Xokleng. Talvez só vamos encontrar o livro já citado do professor Silvio Coelho dos Santos, que conta as atrocidades cometida na história recente de invasão das terras Xokleng. Há também um importante estudo linguístico, realizado pelo professor Namblá Gakrán, que escreveu a dissertação de mestrado *Aspectos Morfossintaxe da Língua Xokleng (Laklãnō) Jê*

(UNICAMP, 2005) e a tese de doutorado *Aspectos Morfossintaxe da Língua Xokleng (Laklãnõ) Jê* (UNB, 2015). Infelizmente Namblá Gakrán faleceu vítima da Covid-19. Então perdemos mais um sábio de nossa cultura e de nossa língua.

Aqui no Rio Grande do Sul conheço professores que também se formaram na Licenciatura Intercultural e Diferenciada, conforme diz a legislação, específica para professores indígenas. Eles falam que os professores que não fizeram esse curso específico para docência indígena têm uma outra visão de ser professor em sala de aula. Esses que já se formaram pela Licenciatura, que é uma Pedagogia Indígena dos Kaingang, Xokleng e Guarani, mas traz esse nome licenciatura, e traz todo esse conhecimento dos povos indígenas para si e para ser aplicado na educação escolar. Hoje, na Terra Indígena Guarita, tem muitos colegas que estudaram comigo e trazem relatos da sala de aula que mostram que estão buscando aplicar o que aprenderam sobre a escola diferenciada. No entanto, não conheço muito sobre como funciona a escola em outras terras indígenas.

Em relação a uma escola específica no território da Retomada em São Francisco de Paula, não temos salas de aula e estamos tentando criar uma escola, com professor/a do próprio povo, que ensine na língua Xokleng. Então ainda não tenho muito o que falar sobre a educação escolar na retomada, aquela que acontece na sala de aula. Mas, fora da sala de aula tem bastante educação. A educação é aprender andando. Então, por que tem que estar na sala de aula se pode trabalhar ao ar livre? Nosso povo tem um pensamento diferente para ensinar: mudar o método de ensino, mas sem perder o foco principal que é o objetivo de ensinar o conteúdo da disciplina. Como disse, a educação das crianças é ensinando, aprendendo e andando. De todos os lados isso ocorre. Então, por que tem que estar fechado na sala de aula quando se pode estar ao ar livre? O aprendizado do povo Xokleng é sempre junto dos kuzó, ouvindo e participando das sabedorias dos velhos, indo nas retomadas, nas reuniões, nos movimentos como, por exemplo, o acampamento terra livre, entre outros.

Os professores Xokleng falam que a Secretaria da Educação de Santa Catarina às vezes apoia a educação escolar indígena, mas as iniciativas concretas andam devagar. Por exemplo, a primeira formação do ensino médio em uma escola indígena é recente, foi em 2005: a minha turma foi a primeira a se formar no ensino médio na terra indígena. A minha formação na graduação foi em 2015 e, antes disso, teve uma única graduação: a do magistério. Então, os mesmos professores-estudantes do magistério estavam comigo na formatura. Por isso, esses professores trazem uma visão de que a Secretaria da Educação estava do lado dos indígenas. Mas uma análise mais crítica mostra que não é isso não, porque é obrigação do Estado fazer essa pedagogia de uma forma a proporcionar conhecimento para o professor indígena. As leis sobre educação indígena no âmbito nacional estavam apertando o governo na época e, portanto, tiveram que tomar providências e cumprir o que determinava a lei. O Estado precisava organizar a educação escolar indígena conforme determinavam as leis. Então, foi a primeira turma que

se formou. Antes não havia esse conhecimento de educação escolar diferenciada, pois havia apenas professor indígena se formando com a escola e a universidade do branco. Temos hoje propostas para políticas educacionais indígenas que são mais aproximadas de nossas concepções de educação, como os Territórios Etnoeducacionais. Nesta proposta, as escolas são organizadas e geridas de acordo com a organização territorial do povo ou dos povos indígenas que elas atendem e não de acordo com a organização geográfica dos estados e municípios.

Vou também tornar a falar sobre a língua Xokleng, um grande patrimônio do nosso povo. É muito difícil para um branco aprender o nosso idioma Xokleng. Para pronunciá-lo tem que enrolar a língua, senão não consegue. Eu tenho uma cunhada que é de origem alemã e aprendeu português-xokleng. Ela aprendeu Xokleng junto com o Português. Uma parte da língua Xokleng ela fala fluentemente, pois aprendeu com a minha avó que não falava português. Então ela aprendeu a falar para poder se comunicar com a minha avó. Reconheço que para aprender a língua é necessário conviver com os Xokleng. Mas confesso que fico com um pé atrás, porque recém contei para vocês a história do Martin Bugreiro para que vocês entendam. Martin viveu com os Xokleng, aprendeu todas as nossas estratégias e levou para os bugreiros, que aproveitaram esses conhecimentos para nos destruir. Então, a língua Xokleng é uma ferramenta e, ao mesmo tempo, uma arma. Eu falo em Xokleng com os meus parentes e trabalho de uma outra forma, falando em português para responder as perguntas do branco. Então, a língua própria é uma ferramenta de defesa. Como já não é mais usado o arco e flecha, nós usamos a nossa língua. Por isso, tenho receio de estar passando nosso conhecimento, mas algumas coisas ainda compartilho. Porém, se você conversasse com um mais velho ele falaria que não deveria ensinar. Hoje vejo que a língua Guarani está sendo muito estudada e tem até branco que está falando a língua.

Quando eu estava morando na Terra Indígena Tupã Nhe ã, Kretã, município de Morretes, no estado do Paraná, de onde eu venho, alguns guarani abriram uma aula por um semestre e os brancos já estavam falando Guarani. Numa dessas reuniões, um guarani da serra, que estava fazendo a aula, estava acompanhado de um antropólogo, pesquisador de um empreendimento da Funai. Disseram para ele, na língua Guarani, não aceitar o empreendimento e o antropólogo que tinha feito aula em Guarani e era da empresa, já sabia de tudo. Então, eles perderam nessa queda de braço, pois havia um Martin Bugreiro do lado do branco e passou a informação.

A nossa língua tem particularidades na entonação: se você me ouvir falar com outro Xokleng parece que estamos brigando, mas estamos falando calmamente, falamos apontando, aumentamos a voz para expressar. Uma vez estava falando com um parente meu na rua em Curitiba e alguém nos gravou e depois quis mostrar para a gente e perguntou se estávamos brigando e eu respondi que não. Lá eles não conhecem nada sobre os indígenas, só sabem aquilo que é mostrado na televisão, o que não é verdade. Então, para aprender e falar o Xokleng é preciso conviver.

É dessa forma que vamos ensinando. Tratar muito bem o povo Xokleng é viver o dia a dia para saber como é ele, e não fazer tantas perguntas. As pesquisas sobre o povo Xokleng estão principalmente nos trabalhos finais da Licenciatura Intercultural Indígena. Aqui, nesta fala, deixo algumas ideias sobre o nosso povo, sobre a educação, sobre as retomadas, que são nossas lutas atuais e também a base para a nossa educação. Nossos territórios ancestrais são necessários para a educação e para a vida Xokleng.

Recebido em: 06/07/2022 * Aprovado em: 02/09/2022 * Publicado em: 31/08/2022
